



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

VINCULAÇÃO AOS PAIS E PROBLEMAS DE INTERNALIZAÇÃO EM ADOLESCENTES - DADOS DE UM ESTUDO LONGITUDINAL

Teresa Sousa Machado
António Castro Fonseca
Edite Queiroz
Universidade de Coimbra

RESUMO

Analisam-se neste estudo as relações entre a representação da vinculação aos pais e o desenvolvimento de problemas de internalização em dois momentos do desenvolvimento de adolescentes portugueses da comunidade. Trata-se de uma investigação longitudinal que seguiu cerca de 400 alunos de escolas de Coimbra. A vinculação aos pais foi avaliada pelo IPPA, os problemas de internalização pelas Escala de Ansiedade Manifesta, Escala de Depressão de Birlleson e itens de internalização e isolamento do YSR – todos eles instrumentos de auto-relato. As dimensões da vinculação alienação e comunicação mostram relações significativas com os problemas de internalização em ambos os sexos, mais fortes para as raparigas. A alienação destaca-se ainda como preditora dos problemas de internalização.

Investigação apoiada pelos projectos FEDER/POCTI-SFA-160-192 e POCTI/36532/PSI/2000.

Palavras-chave: vinculação aos pais; adolescência; problemas de internalização

ABSTRACT

The aim of the present study is to examine the relationship between the quality of attachment to parents, perceived by Portuguese adolescents and adolescent internalizing problem behavior. The data come from two evaluations (mean age 14-15 years and 17-18 years), from a longitudinal research, which followed a sample of about 400 students. All adolescents completed a set of self-report questionnaires (Coimbra versions of the IPPA, YSR-isolation/internalizing subscales, Scale of Manifest Anxiety, and the Depression Scale of Birlleson). The psychometric qualities of the questionnaires were previously tested for the Study of Coimbra (some data is already published). Results show that high scores



VINCULAÇÃO AOS PAIS E PROBLEMAS DE INTERNALIZAÇÃO EM ADOLESCENTES - DADOS DE UM ESTUDO LONGITUDINAL

in alienation and low in communication (dimensions of attachment) correlate significantly with internalized problem behavior reported in the two moments, for boys and girls.

Key-words: attachment to parents; adolescence; internalizing problem behavior

INTRODUÇÃO

A adolescência, enquanto período de desenvolvimento, tornou-se alvo de atenção privilegiada da comunidade científica e público em geral. Este interesse por uma fase da vida que parece hoje iniciar-se mais cedo e terminar mais tarde (Arnett, 1999; 2001; Arnett & Taber, 1994), tem originado enviesamentos na divulgação não-científica que tendem, com frequência, a salientar particularmente os problemas de comportamento, nomeadamente os anti-sociais (ou, globalmente, os de exteriorização) e grandes conflitos familiares. O destaque para o mais “visível” e “espectacular” sempre assumiu contornos perniciosos ao longo da história da psicologia ensombrando, demasiadas vezes, a realidade. A realidade é antes composta por muitos (adolescentes) sem problemas – nomeadamente sem problemas de maior a nível das relações com os pais (Doyle, Moretti, Brendgen & Bukowski, 2004; Love & Murdock, 2004; Raja, McGee & Stanton, 1992; Östgard-Ybrant, 2003) – e de outros com problemas que “não se vêem” facilmente, i.e., problemas de internalização.

A influência da qualidade das relações com os pais tem sido estudada em termos da qualidade da vinculação, surgindo esta como variável moderadora no desenvolvimento de problemas de comportamento. Tendo em conta que os problemas de expressão interiorizada têm uma presença mais continuada, assumindo um carácter de maior cronicidade (cf. estudo com crianças portuguesas da comunidade, Pereira, 2001), nomeadamente na depressão, e ainda o facto da prevalência desta perturbação ter vindo a aumentar nos últimos anos (Lewinsohn, Rohde, Seeley, Klein, & Gotlib, 2000; Gullone, Ollendick & King, 2006), justifica-se o estudo das variáveis que possam propiciar o seu desenvolvimento e/ou persistência. Neste trabalho analisam-se as relações entre a representação da vinculação aos pais no início e na adolescência mais tardia e problemas de internalização relatados pelos próprios.

PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO E VINCULAÇÃO AOS PAIS NA ADOLESCÊNCIA

Para além de influências genéticas e cognitivas, as relações familiares⁷ – e.g. os estilos parentais e vinculação – têm surgido como influenciando o desenvolvimento de problemas de internalização. Confrontando famílias de adolescentes diagnosticados com problemas de comportamento exteriorizado (CD – conduct disorder) com adolescentes clinicamente avaliados com desordens depressivas, Jewell e Stark (2003) referem que nos primeiros as famílias tendiam a apresentar baixos níveis de coesão e elevados níveis de conflito, salientando-se nos segundos famílias emaranhadas. As relações nas famílias dos adolescentes com perturbações depressivas caracterizavam-se por uma proximidade inadequada, que favoreciam a dependência e sentimento de culpa (em eventuais desacordos), o que incentivava a pressão para a conformidade e contribuía para perpetuar as relações enredadas.

⁷ Remetemos para Cicchetti e Toth (1998) para uma explanação desenvolvimental muito interessante da depressão em crianças e adolescentes.



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

É ao longo da infância que a criança, através das rotinas relacionais continuadas, constrói relações de vinculação com os seus cuidadores que levam à criação de expectativas (i.e. representações) sobre a sua disponibilidade e sensibilidade. Estas expectativas são a base para o desenvolvimento de modelos internos de si (do self) e dos outros. Quando essas experiências conduzem à expectativa de que os cuidadores/pais (i.e. figuras de vinculação) são disponíveis, sensíveis e a apreciam, a criança desenvolve um modelo de si como merecendo ser amada, compreendida e respeitada e, simultaneamente, dos outros enquanto figuras disponíveis, respeitadoras e sensíveis (Bowlby, 1956; Bretherton, 1992; 2005). Esta confiança permite à criança desenvolver estratégias seguras para procurar ajuda quando necessita e, correlativamente, para estabelecer relações com outros e explorar o mundo. Pelo contrário, quando as relações levam à construção de expectativas de que será rejeitada ou ignorada quando necessitaria de apoio, os padrões internos traduzirão uma concepção de si como não amada e rejeitada/ignorada e dos outros como rejeitantes, indiferentes ou imprevisíveis. Ou seja, estas crianças não esperam ter nos pais figuras de apoio, ajuda, disponibilidade ou compreensão. Compreende-se que se encontrem em situação de maior risco, tanto maior quanto a ausência de outras figuras (responsáveis) que possam compensar tais falhas.

Embora a vinculação aos pais seja tida como significativa no desenvolvimento de problemas de comportamento, os dados sugerem que o seu papel é complexo e não será uniforme (interpenetrando-se variáveis como idade, sexo, grupo sócio-cultural).

Globalmente, a vinculação insegura tem-se encontrado associada aos problemas de comportamento (e síndromes clínicas) ao longo do desenvolvimento, não sendo, obviamente, a única variável relacional familiar que contribuirá para o desenvolvimento da psicopatologia (Cicchetti, Toth & Lynch, 1995; Deklyen & Speltz, 2001:). Entre os padrões inseguros, o de evitamento, ao propiciar a minimização da activação das estratégias de vinculação, tem sido mais associado ao desenvolvimento de problemas de exteriorização, enquanto estratégias defensivas (hostis) face à negação dessas mesmas necessidades (Dozier, Stovall & Albus, 1999). O padrão ansioso, levando frequentemente à maximização das estratégias de vinculação (numa tentativa de captar a atenção do cuidador) e a uma excessiva centração no seu próprio sofrimento, tem sido associado ao desenvolvimento de problemas de comportamento interiorizado (in Muris, Meesters & van den Berg, 2003). Não se deve porém esperar uma correspondência linear entre estes padrões inseguros e cada um dos pólos dos problemas de comportamento; na realidade, influenciando outras variáveis, o próprio efeito da qualidade da vinculação estará sujeito a alterações. O estudo de Dekovic (1999), por exemplo, mostra que para os adolescentes avaliados ($n=508$), os factores familiares – entre os quais a representação da vinculação (IPPA) – eram melhores preditores dos problemas de externalização; enquanto que para os problemas de internalização as características individuais (i.e. auto-conceito, e desempenho académico) surgiam como preditoras significativas. Claro que podemos aceitar que a qualidade da vinculação, por seu turno, influiu no desenvolvimento dessas mesmas características, como têm mostrado outros trabalhos (e.g., in Machado, 2007). Nesta linha de ideias, o estudo de Laible (2007), por exemplo, mostra a vinculação (aos pais e pares – versões correspondentes do IPPA) a influir indirectamente no comportamento social dos adolescentes, pelo efeito que exercia no desenvolvimento das competências emocionais (i.e. conhecimento emocional, empatia, expressividade positiva e menores índices de expressividade negativa). Já a investigação longitudinal de Buist e colaboradores mostra relações recíprocas entre a vinculação (avaliada pelo IPPA) e problemas quer de internalização como de externalização. Ou seja, os adolescentes que referem maior qualidade na vinculação reportam menos problemas de internalização um ano mais tarde; e os que mostram mais problemas de internalização, referem menor qualidade na vinculação um ano mais tarde (Buist, Dekovic, Meeus, & van Aken, 2004).



VINCULAÇÃO AOS PAIS E PROBLEMAS DE INTERNALIZAÇÃO EM ADOLESCENTES - DADOS DE UM ESTUDO LONGITUDINAL

O estudo de Muris e colaboradores, com uma grande amostra ($n=742$) de adolescentes da comunidade, apresenta, por seu lado, correlações significativas entre a vinculação insegura (avaliada pelo AQC – Attachment Questionnaire for Children) aos pais e problemas de internalização (Muris, Meesters & van den Berg, 2003). Enquanto que nos problemas de exteriorização (relatados pelos próprios), a percepção da qualidade dos cuidados parentais se destaca nas análises de correlação, nos problemas de internalização ambas as variáveis (i.e. cuidados e vinculação) surgem como significativas. Posteriormente, os autores replicaram este estudo com sujeitos mais novos (i.e. 237 crianças entre os 9 e 12 anos), tendo os resultados destacado que a vinculação insegura nos rapazes (e relativa ao Pai) explicava significativamente parte da variância nos sintomas de ansiedade e depressão – sugerindo uma relação específica quanto ao sexo (Roelofs, Meesters, Huurne, Bamelis & Muris, 2006). Em termos globais, e tendo em consideração os dois estudos, para as crianças, o estilo de vinculação parece ter um papel menos proeminente para o desenvolvimento de problemas de comportamento (interiorizado e exteriorizado) – particularmente para as raparigas – do que a percepção dos cuidados parentais (avaliados com o EMBU). O trabalho de Gullone, Ollendick e King (2006), também com crianças (326, dos 8 aos 10 anos) sugere o papel moderador, ao longo do desenvolvimento, da vinculação segura aos pais na medida em que esta atenua a relação positiva encontrada entre retraimento/acanhamento e depressão.

Rönnlund e Karlsson (2006), recorrendo igualmente a instrumentos de auto-relato, mostram (em adolescentes entre os 15-16 anos), que as dimensões da vinculação (ASQ- Attachment Style Questionnaire) explicam 48% da variância dos problemas de interiorização relatados (mas não os de exteriorização). Destacam ainda as raparigas com mais relatos de problemas de interiorização.

Ao longo da adolescência, novas actualizações são possíveis na vinculação aos pais. Estas modificações devem-se a fenómenos como alterações (para o “bem” e para o “mal”) na qualidade da relação entre adolescentes-pais, e ao alargamento relacional e desenvolvimento cognitivo que, face à maior capacidade para integrar diferentes perspectivas, podem facilitar o repensar as relações passadas (Ainsworth, 1989; Allen & Land, 1999; Bowlby, 1988). Para além disso, ao longo da adolescência a capacidade dos pares significativos poderem passar também (i.e. sem, necessariamente, substituírem as figuras parentais) a exercer funções de vinculação imprime nova dinâmica às relações de vinculação. Ou seja, as transformações (normativas) desenvolvimentais na adolescência activam o sistema de vinculação e, correlativamente, a alternância entre esta e a activação do sistema exploratório. A segurança na vinculação alia-se simultaneamente à combinação do respeito mútuo pais-filhos em momentos de divergência, à desidealização dos pais e à sensibilidade e suporte parental. As interações muito emaranhadas, que entravam o desenvolvimento da autonomia, têm sido associadas à insegurança da vinculação; nestas, a autonomia é ressentida como ameaça à própria (qualidade da) relação.

Os estudos mais recentes reforçam o papel protector da vinculação segura ao mostrar continuamente que os adolescentes mais adaptados são os que recorrem (i.e. podem recorrer) aos pais em momentos de dificuldade (e.g. Dias & Fontaine, 2001; Doyle, Moretti, Brendgen & Bukowski, 2003; Larose, Bernier & Tarabulsky, 2005; Love & Murdock, 2004). Diversos estudos têm vindo a sugerir que a mãe é a figura mais escolhida como “fonte primária de segurança”, mesmo que outros, e.g. pares ou parceiros românticos (quando os há) cumpram funções também ligadas às necessidades de vinculação (e.g. busca de proximidade) (Claes, 1998; Markiewicz, Lawford, Doyle & Haggart, 2006). O fundamental não é o facto de recorrerem realmente (em termos de presença física – como outrora) à figura de vinculação, mas antes a ideia (i.e. representação) de que estas são disponíveis. Este modelo interno



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

facilita a construção da autonomia psicológica, tarefa a concretizar ao longo da adolescência (Allen & Land, 1999; Allen, McElhaney, Kupermine, & Jod, 2004).

As transformações na adolescência, aliadas em Portugal a novas exigências académicas, num país onde predomina a instabilidade no sistema educativo e dificuldades em criar expectativas seguras relativamente ao futuro académico/profissional (que só parece exequível a quem obtiver “níveis de excelência”), propiciam para os sujeitos com modelos internos inseguros, o aumento de mal-estar que se pode traduzir, fácil e compreensivelmente, em diferentes problemas de comportamento. Sendo o papel da vinculação aos pais tido como factor de protecção face a diferentes stressores (Allen & Land, 1999; Allen, McElhaney, Kupermine & Jod, 2004), justifica-se o seu estudo em adolescentes portugueses da comunidade.

METODOLOGIA

Sujeitos

Participaram neste estudo cerca de 400 sujeitos, estudantes de escolas públicas do concelho de Coimbra. Os dados apresentados correspondem a dois momentos de avaliação dos sujeitos que compunham a amostra de um estudo longitudinal mais vasto desenvolvido com o propósito geral de estudar o envolvimento em problemas do comportamentos. No primeiro momento aqui considerado – correspondente ao tempo3 do estudo global (ano lectivo 2001-2002) – participaram 426 sujeitos e no segundo momento das presentes análises – correspondente ao tempo4 do estudo global (ano lectivo 2003-2004) – 416 (dos sujeitos iniciais). No primeiro momento as idades médias são 14-15 anos e no segundo momento 17-18 anos. Os alunos preencheram os questionários numa sala da escola, com a presença de um investigador, tendo sido previamente pedidas as devidas autorizações.

Instrumentos

Vinculação – A qualidade da vinculação aos pais foi avaliada através da versão do estudo de Coimbra do IPPA (Machado & Oliveira, 2007; versão original de Armsden & Greenberg, 1987). O Inventário de Vinculação aos Pais é um questionário de auto-relato (com 28 itens) que aborda as representações de dimensões como a confiança, comunicação e alienação⁸ que o adolescente sente relativamente a figuras significativas, neste caso os pais. O sujeito responde de acordo com uma escala de Likert com 5 níveis (desde “Nunca verdade” até “Sempre verdade”), devendo ter em mente a figura mais significativa.

Problemas de internalização – Os problemas de internalização foram avaliados através da Escala de Ansiedade Manifesta (Reynolds & Richmond, 1978) e Escala de Depressão de Birlson (1981). São igualmente instrumentos de auto-relato, devendo, na Escala de Ansiedade Manifesta, o sujeito optar entre verdadeiro/falso, consoante a afirmação traduza uma emoção/sentimento que se lhe aplique (e.g. “sinto-me muitas vezes preocupado”). Na Escala de Depressão deverá optar entre frequentemente/nunca consoante a afirmação reproduza o que costuma sentir (e.g. “costumo ter vontade de chorar”). Responderem ainda a itens do cluster de internalização do Youth Self Report

⁸ Os itens desta sub-escala são cotados inversamente.



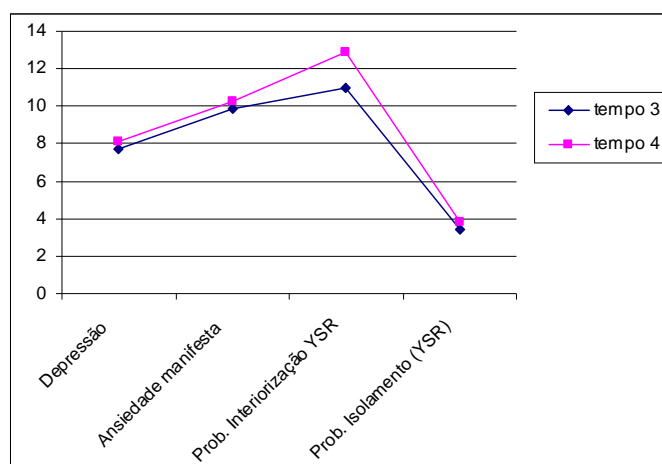
VINCULAÇÃO AOS PAIS E PROBLEMAS DE INTERNALIZAÇÃO EM ADOLESCENTES - DADOS DE UM ESTUDO LONGITUDINAL

(Achenbach, 1991). Todos os instrumentos foram adaptados, e testadas as propriedades psicométricas, para o estudo global de Coimbra (encontrando-se publicados alguns dos dados).

RESULTADOS

Para analisar a relação entre a representação da vinculação aos pais e os problemas de internalização efectuaram-se análises de correlação entre as medidas, dentro do mesmo momento de avaliação (i.e. no tempo3 – quadro 1.; e no tempo4 – quadro 2.) e entre os dois momentos distintos (i.e. entre a qualidade da vinculação percebida no tempo3 e os problemas de internalização relatados no tempo4 – quadro3.). Previamente foram realizadas medidas teste/reteste (do tempo3 para o tempo4) para todas as escalas utilizadas, tendo os resultados apresentado correlações muito significativas. Apresentamos de seguida o gráfico relativo aos índices médios de problemas de interiorização, nos dois momentos da adolescência. Pode observar-se que os problemas relatados no tempo4 tendem a ser ligeiramente superiores aos do início da adolescência.

Gráfico1.:Valores médios nas escalas de problemas de internalização no tempo3 e tempo4.



Vejamos as correlações relativas às análises entre a qualidade da vinculação e problemas de internalização no tempo3 (i.e. idades médias 14-15 anos – quadro 1); e tempo4 (i.e. idades médias 17-18 anos – quadro 2).



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

Quadro 1. Correlações concomitantes entre a vinculação e os problemas de internalização no tempo3.

	Depressão (Birleson Scale)		Ansiedade Manifesta (Reynolds & Ricmond)		Problemas de Interiorização (YSR)		Isolamento (YSR)	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
Vinculação (sg)	.15*	-.17*	.16*	n.s.	.19**	n.s.	n.s.	n.s.
Comunicação	n.s.	-.39***	-.14*	-.35***	n.s.	-.36***	n.s.	-.23***
Confiança	n.s.	-.25***	n.s.	-.19**	n.s.	-.18*	n.s.	n.s.
Alienação	.45***	.50***	.50***	.55***	.47***	.51***	.39***	.37***

Legenda: YSR –Youth Self Report.

As dimensões da representação da vinculação aos pais cujas correlações significativas mais se destacam, no início da adolescência, são a comunicação e a alienação, com particular relevo para esta última em ambos os sexos, mais fortes nas raparigas (excepto na sub-escala de isolamento).

Quadro 2. Correlações concomitantes entre a vinculação e os problemas de internalização no tempo4.

	Depressão (Birleson Scale)		Ansiedade Manifesta (Reynolds & Richmond)		Problemas de Interiorização (YSR)		Isolamento (YSR)	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
Vinculação (sg)	.24***	.23**	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Comunicação	n.s.	n.s.	-.30***	-.25***	-.21**	-.21**	-.17*	-.19**
Confiança	.26***	.21**	n.s.	n.s.	.16*	n.s.	.18**	n.s.
Alienação	.19**	.41***	.50***	.57***	.44***	.54***	.36***	.46***

Da análise dos dois quadros podemos referir que as correlações da dimensão comunicação com os problemas de internalização relatados são mais fortes quando os sujeitos são mais novos (i.e. tempo3, aos 14-15 anos idades médias). A alienação mantém correlações mais fortes e significativas com os problemas de internalização relatados no segundo momento (i.e. idades médias 17-18anos).

Apresentam-se de seguida as análises relativas às correlações entre a representação da vinculação quando os sujeitos são mais novos (tempo3) e os problemas de interiorização relatados, em média, dois anos mais tarde (tempo4).



VINCULAÇÃO AOS PAIS E PROBLEMAS DE INTERNALIZAÇÃO EM ADOLESCENTES - DADOS DE UM ESTUDO LONGITUDINAL

Quadro 3. Correlações longitudinais prospectivas entre a representação da vinculação no tempo 3 e os problemas de internalização avaliados no tempo4.

Tempo 4	Depressão (Birlleson)		Ansiedade Manifesta (Reynolds & Richmond)		Problemas de Interiorização (YSR)		Isolamento (YSR)	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
Tempo 3								
Vinculação (sg)	.16*	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Comunicação	n.s.	n.s.	-.19**	n.s.	-.18**	n.s.	-.17*	-.17*
Confiança	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Alienação	.15*	.29***	.39***	.31***	.23***	.32***	.19**	.27***

O padrão de correlações obtido é semelhante ao das análises concomitantes mas a força das correlações é muito mais fraca, o que se compreende tendo em conta simultaneamente o tempo que medeia as duas avaliações e o próprio período de desenvolvimento considerado (i.e. no decurso da adolescência, no qual são de esperar alterações comportamentais significativas entre o "início" e adolescência mais "tardia"). Destaca-se agora a dimensão alienação (referida no tempo3 – quando os sujeitos são mais novos) como aspecto da vinculação que mais se correlaciona com o relato de problemas de internalização mais tarde, para ambos os sexos, e particularmente para as raparigas.

Foram ainda realizadas análises de regressão com o método stepwise, fazendo entrar em primeiro lugar a variável sexo, seguida de cada uma das dimensões da vinculação (comunicação, confiança e alienação), para cada variável dependente (i.e. ansiedade, depressão, problemas de internalização no YSR e sub-escala de isolamento no YSR). Em cada análise é a dimensão alienação que surge (para além da variável sexo) enquanto variável com valor preditor do problema de interiorização em causa.

Quadro 4. Análises de Regressão Múltipla do tempo 3 para o tempo 4

Variáveis dependentes (17-18 anos)	Preditores	F	R ² Ajustado	β
Ansiedade	Alienação	62.5**	.13	.31
	Sexo	44.1**	.18	.22
Depressão	Alienação	43.8**	.10	.20
	Sexo	33.9**	.14	.24
Problemas de internalização YSR	Alienação	42.3**	.09	.27
	Sexo	36.7**	.15	.25
Isolamento YSR	Alienação	23.9**	.05	.24

** p < .01; * p < .05



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

DISCUSSÃO

Em termos gerais, as análises dos dados vão ao encontro das hipóteses e observações levantadas nas investigações revistas. Verifica-se que, globalmente, a representação da vinculação aos pais, no decurso da adolescência, surge como uma variável a ter em consideração no desenvolvimento de problemas de internalização nos adolescentes portugueses. Podemos especificar que, para a nossa amostra (quer para as raparigas como para os rapazes) as dimensões de alienação e comunicação surgem como particularmente significativas, quando os sujeitos são mais novos (i.e. idades médias 14-15anos). Quando são mais velhos (17-18anos) embora ainda surjam correlações significativas entre valores baixos na comunicação e referência a problemas de internalização, os valores das correlações relativas à dimensão alienação são sistematicamente mais elevados, para ambos os sexos. Parece assim que o sentimento (subjectivo) que o adolescente sente de ser ignorado ou rejeitado pelos pais se repercute no desenvolvimento de problemas de comportamentos internalizados relatados pelo próprio. Estes resultados assemelham-se aos anteriormente encontrados para as correlações entre vinculação aos pais e problemas de exteriorização nos adolescentes portugueses (Machado & Fonseca, 2006), sugerindo que a dimensão alienação – isto é a ideia de que os pais não se preocupam consigo – é particularmente perturbadora para os nossos adolescentes.

Relativamente ao valor preditivo das variáveis que contemplamos (i.e. sexo, dimensões da vinculação), em termos globais, destaca-se, o facto de ser rapariga e valores mais elevados da alienação como factores de risco para o desenvolvimento de problemas de internalização.

Estes dados suportam as interpretações referidas ao longo da revisão da bibliografia, de que o desenvolvimento ao longo da adolescência (incluindo finais da adolescência) não prescinde do apoio/presença dos pais e, mais ainda, de que uma representação insegura relativamente à sua disponibilidade/acessibilidade pode ser um factor de risco significativo. O sentimento de que estariam isolados (sós) relativamente aos pais destaca-se com particular relevo na presença de problemas de internalização, nomeadamente para as raparigas, tanto quando têm entre 14-15 anos como aos 17-18 anos. O relevo atribuído à vinculação segura – nomeadamente à proximidade afectiva/psicológica – enquanto factor de protecção tem sido destacado em estudos diversos e com diferentes culturas (e.g. Buist, Dekovic, et al., 2004; Claes, 1998; Dias & Fontaine, 2001; Rönnlund & Karlsson, 2006), verificando-se igualmente na nossa amostra. Apesar dos limites do presente estudo, nomeadamente o facto de se basear apenas em instrumentos de auto-relato, parece-nos que os dados alertam para a importância que tem para os adolescentes, de várias idades, o sentimento de que os pais estão presentes (psicologicamente) e atentos, ou seja, que continuam a cumprir o seu papel de figuras de vinculação ao longo do seu desenvolvimento. Sai reforçada a ideia de que a conquista da autonomia psicológica não é antagónica à manutenção de uma vinculação segura aos pais, bem pelo contrário. Sugerem ainda, tal como anteriores investigações (Lewinsohn, Rohde, et al., 2000; Ollendick & King, 2006; Pereira, 2001), que os problemas de internalização não são forçosamente transitórios, pelo que não deverão ser descurados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Youth Self-Report and 1991 Profile*. Burlington: University of Vermont.
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44 (4), 709-716.



VINCULAÇÃO AOS PAIS E PROBLEMAS DE INTERNALIZAÇÃO EM ADOLESCENTES - DADOS DE UM ESTUDO LONGITUDINAL

- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver, (Eds), *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications* (pp. 319-335). New York: Guilford Press.
- Allen, J. P., McElhaney, K. B., Kupermine, G. P., & Jod, K. M. (2004). Stability and change in attachment security across adolescence. *Child Development*, 75 (6), 1792-1805.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-453.
- Arnett, J. J. (1999). Adolescent storm and stress, reconsidered. *American Psychologist*, 54 (5), 317-326.
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife. *Journal of Adult Development*, 8, 133-143.
- Arnett, J. J., & Taber, S. (1994). Adolescence terminable and interminable: When does adolescence end? *Journal of Youth and Adolescence*, 23 (5), 517-536.
- Birleson, P. (1981). The validity of depressive disorder in childhood and the development of a self-rating scale: A research report. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, nº 22, pp. 73-88.
- Bowlby, J. (1956). The growth of independence in the young child. *Royal Society of Health Journal*, 76, 587-591. (consultado em 7.05.07) www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/independence.pdf.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Clinical applications of attachment theory*. Londres: Routledge.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Bretherton, I. (2005). In pursuit of the internal working model construct and its relevance to attachment relationships. In K. E. Grossmann, K. Grossman, & E. Waters (Eds.). *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies* (pp. 13-47). New York: Guilford Press.
- Buist, K. L., Dekovic, M., Meeus, W., & van Aken, M. A. (2004). The reciprocal relationship between early adolescent attachment and internalizing and externalizing problem behaviour. *Journal of Adolescence*, 27, 251-266.
- Claes, M. (1998). Adolescents closeness with parents, siblings, and friends in three countries: Canada, Belgium, and Italy. *Journal of Youth and Adolescence*, 27 (2), 165-183.
- Cicchetti, D., & Toth, S. L. (1991). A developmental perspective on internalizing and externalizing disorders. In D. Cicchetti & S. L. Toth (Eds.), *Internalizing and externalizing expressions of dysfunction* (cap.1). Rochester Symposium of Developmental Psychopathology, vol.2, New Jersey: Laurence Erlbaum Assoc.
- Cicchetti, D., & Toth, S. L. (1998). The development of depression in children and adolescents. *American Psychologist*, 53 (2), 221-241.
- Dekovic, M. (1999). Risk and protective factors in the development of problem behavior during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 28 (6), 667-685.
- Deklyen, M., & Speltz, M. (2001). Attachment and conduct disorder. In J. Hill & B. Maughan (Eds.), *Conduct disorders in childhood and adolescence* (pp. 320-345). Cambridge: Cambridge University Press.
- Dias, M. G. F., & Fontaine, A. M. (2001). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários. col. "Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas", Lisboa: FCG-FCT.
- Doyle, A. B., Moretti, M. M., Brendgen, M., & Bukowski, W. (2004). Relations parents-enfants et adaptation pendant l'adolescence: Constatations tirées du troisième cycle de l'enquête HBSC et



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES

- du deuxième cycle de l'ELNEJ. Rapport technique présenté à la Division de l'enfance et de l'adolescence, Agence de santé publique du Canada. Accueil Publications.
- Dozier, M., Stovall, K. C., & Albus, K. E. (1999). Attachment and psychopathology in adulthood. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications* (pp. 497-519). New York: Guilford Press.
- Gullone, E., Ollendick, T. H., & King, N. J. (2006). The role of attachment representation in the relationship between depressive symptomatology and social withdrawal in middle childhood. *Journal of Child and Family Studies*, 15 (3), 271-285.
- Jewell, J. D., Stark, K. D. (2003). Comparing the family environments of adolescents with conduct disorder or depression. *Journal of Child and Family Studies*, 12 (1), 77-89.
- Laible, D. (2007). Attachment with parents and peers in late adolescence: Links with emotional competence and social behavior. *Personality and Individual Differences*, 43, 1185-1197.
- Larose, S., Bernier, A., & Tarabulsky, G. M. (2005). Attachment state of mind, learning dispositions, and academic performance during the College transition. *Developmental Psychology*, 41 (1), 281-289.
- Lewinsohn, P. M., Rohde, P., Seeley, J. R., Klein, D. N., & Gotlib, I. H. (2000). Natural course of adolescent Major Depressive Disorder in a community sample : Predictors of recurrence in young adults. *American Journal of Psychiatry*, 157, 1584-1591.
- Love, K. M., Murdock, T. B. (2004). Attachment to parents and psychological well-being: An examination of young adult College students in intact families and stepfamilies. *Journal of Family Psychology*, 18 (4), 600-608.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41 (2), 5-28.
- Machado, T. S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: O estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, VI (1), XXX, 97-116.
- Machado, T. S., Fonseca, A.C. (2006). Representações da vinculação aos pais e problemas de externalização em adolescentes. *Comunicação In VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Évora, 28,29 e 30 Novembro – in CD-actas, vol.XVIII, 61-74.
- Markiewicz, D., Lawford, H., Doyle, A. B., & Haggart, N. (2006). Developmental differences in adolescents' and young adults' use of mothers, fathers, best friends, and romantic partners to fulfill attachment needs. *Journal of Youth and Adolescence*, 35 (1), 127-140.
- Muris, P., Meesters, C., & van den Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-reported attachment style and perceived parental rearing in normal adolescents. *Journal of Child and family Studies*, 12 (2), 171-183.
- Östgård-Ybrant, H. (2003). Self-concept, inner residue of past relationships, and social functioning in adolescence. A study of age and gender differences in groups of normal and antisocial adolescents. *Dissertação de doutoramento*, Umeå: Suécia. (consultado em 15.02.08) www.diva-portal.org/diva/getDocument?urn_nbn_se_umu_diva-184-1__fulltext.pdf.
- Pereira, M. (2001). A estabilidade dos problemas de comportamento em crianças portuguesas. In M. F. Gaspar et al., (Org.), *Problemas emocionais e comportamento anti-social*. Coimbra: Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra.
- Raja, S. N., McGee, R. & Stanton, W. R. (1992). Perceived attachments to parents and peers and psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 21 (4), 471-485.
- Reynolds, C. R. & Richmond (1978). What I think and feel: A revised measure of children's manifest anxiety. *Journal of Abnormal Child Psychology*, nº 6, pp. 271-280.



VINCULAÇÃO AOS PAIS E PROBLEMAS DE INTERNALIZAÇÃO EM ADOLESCENTES - DADOS DE UM ESTUDO LONGITUDINAL

Roelofs, J., Meesters, C., Huurne, M., Bamelis, L., & Muris, P. (2006). On the links between attachment style, parental rearing behaviors, and internalizing and externalizing problems in non-clinical children. *Journal of Child and Family Studies*, 15 (3), 319-332.

Rönnlund, M., & Karlsson, E. (2006). The relation between dimensions of attachment and internalizing or externalizing problems in adolescence. *The Journal of Genetic Psychology*, 167 (1), 47-63.

Fecha de recepción 1 Marzo 2008
Fecha de admisión 12 marzo 2008